



Gaiatos

**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 2 de Agosto de 1986 * Ano XLIII — N.º 1106 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Barredo

Só agora dispomos de fotografias que nos permitem ilustrar estes artigos e dizer com uma evidência que a palavra dificilmente atinge, o contraste entre o que foi e o que é o Barredo já recuperado. As de hoje contemplam interiores e dão-nos uma ideia de como se vive: Casas funcionais, proporcionadas ao agregado familiar que as habita, estimulantes do arranjo, do ornamento a gosto de quem lá mora. E entre as gaiolas estandardizadas dos grandes edifícios que hoje se constroem nos bairros elegantes e a graça destas casas onde a geometria não oprime, quem, de bom gosto, as não preferiria para morar? A imagem actual não só nos deixa perceber uma melhoria material de vida, mas também um passo em frente no domínio da cultura.

Deus é a Beleza Infinita e criou os homens sensíveis ao belo. Tenham eles condições; «haja pão» — como as resumia Pai Américo, há trinta e mais anos — e aquilo que então era de esconder, pode hoje ser mostrado. Aí está a gravura a confirmar que o homem não foi

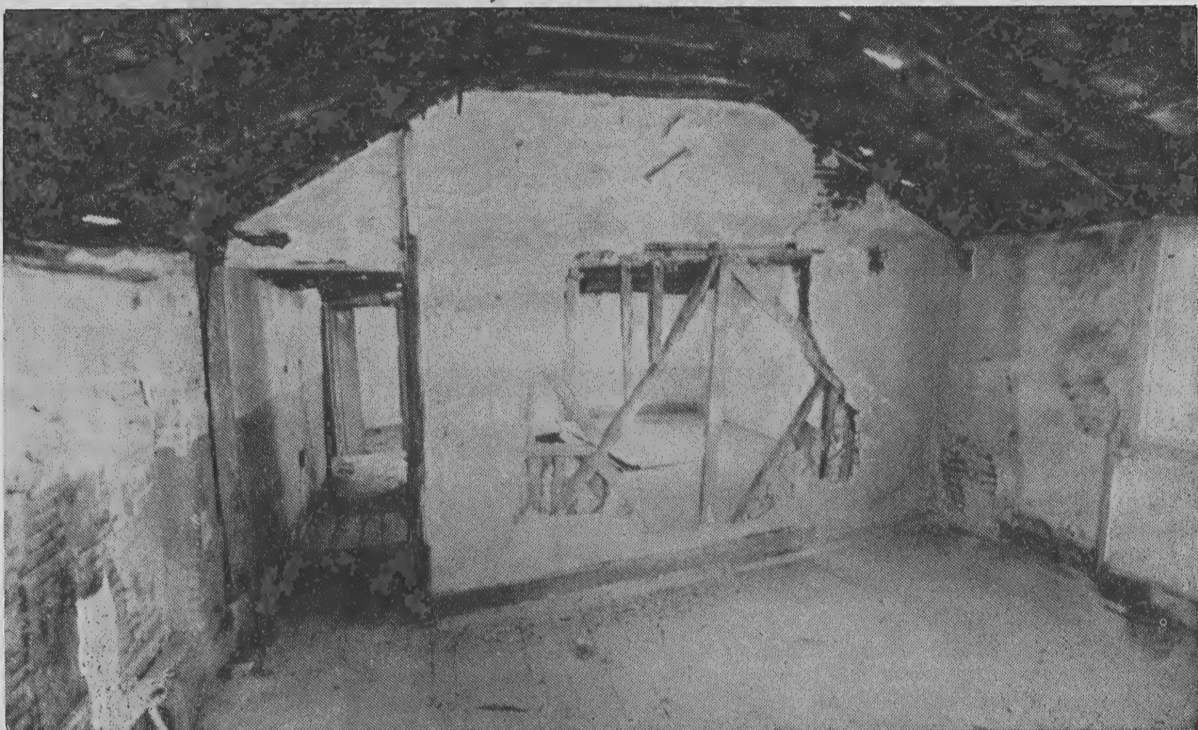
feito para o tugúrio; que a idade das cavernas foi há muito ultrapassada; e que o que era no Barredo (e é ainda em tantas outras zonas) era um pecado contra a Natureza, um pecado em que todos temos culpa.

O meu correspondente, apresentado no derradeiro número d'O GALATO, desafiava-me à «reflexão sobre o porquê da afluência da juventude da média burguesia a um espaço social pobre, sobre esta ânsia de se misturarem a uma realidade nos antípodas daquela em que vivem».

É que o Barredo é bonito; toda a zona histórica do Porto é linda; e uma vez liberta das pústulas que a desfeavam, dá a descobrir o seu verdadeiro rosto.

Antes, esta afluência não existia, esta ânsia não se manifestava, tal como acontece ainda hoje relativamente à Sé, à Vitória, a Miragaia. Mas curem-lhes as feridas, limpem-nas das mazelas, dê-se por humano à vida degradada que

Cont. na 4.ª pág.



O que foi o Barredo...!

AQUI LISBOA!

«Oh que felizes aqueles homens que se deixam matar por uma paixão saudável, meritória, construtiva! Semeadores do Eterno!» (Pai Américo)

Não nos recordamos de ter sido assinalada nestas colunas a efeméride da passagem das «Bodas de Ouro» das primeiras

Colónias de Férias de campo realizadas no País. Foi, salvo erro, em Agosto de 1935, que Pai Américo lhes deu início em S. Pedro de Alva, instalando-as num edifício onde funcionava então uma escola nocturna, donde, através de amplas janelas se via «passar o céu na Serra do Caramulo e na Estrela gigante».

Há cerca dum mês, com o nosso Padre Horácio e o Luís Eduardo, como que em jornada de meditação e de recolha de imagens, trilhámos os primeiros caminhos de Pai Américo, passando também por Vila Nova de Ceira e Senhora da Piedade de Miranda do Corvo, onde se seguiram outras Colónias de campo, hoje suspensas, não por falta de recursos materiais, antes por não dispormos de gente capaz de as conduzir, nomeadamente de estudantes da Universidade e do Seminário, que desde meados dos anos trinta aos anos sessenta se enriqueceram, dando o melhor de si mesmos ao serviço dos Rapazes das ruas de Coimbra.

Com profunda saudade recordámos as últimas Colónias realizadas na Senhora da Piedade, nos tempos em que ainda éramos seminaristas e que constituíram fortes momentos de determinação e de apren-

dizagem para a rota escolhida — sermos padres da rua e, apesar de todas as limitações, também «semeadores do Eterno».

Hoje, passados mais de vinte anos, todas as Casas dispõem de colónias de mar, funcionan-

Cont. na 2.ª pág.



O Barredo já recuperado: casas funcionais, estimulantes do arranjo a gosto de quem lá mora.

ASSOCIAÇÕES DOS ANTIGOS GAIATOS

Quanta alegria sentirá Pai Américo no Céu ao ver os seus filhos gaiatos reunidos em Associações que, naturalmente, devem conservar e fortalecer os laços da amizade fraterna e o espírito da Obra da Rua. Assim o expressam os estatutos de todas elas no artigo — **Finalidade ou objectivo:** a) «Pôr em prática, na vida, os princípios cristãos que Pai Américo nos deixou, dando em toda a parte um testemunho vivo da Obra da Rua, criando e mantendo entre os seus

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Tem o homem com *baixa* desde o Natal. Recebe uma cêdea: 8.000\$00 por mês, segundo a mulher afirma, d'olhos marejados.

— Não dá p'ra nada! A gente passa mal... Muito mal! Há dias, um dos meus filhos agarra-me a saia e diz: «Ó mãe, a Maria (vizinha) come pêsegos e nós não...!»

Maneira delicada de dizer que passam fome!

A verdade é que se há Pobres rudes — porque pobres — também os há delicados. A miséria não lhes embota o espírito. Acontece..., também entre os novos Pobres.

Estava a nosso lado uma samaritana. Feliz coincidência! Conhece aquela gente. Demos todos ali a mão — na hora própria. Não enchamos as arcas, mas, pelo que chega dos nossos Leitores, entregámo-nos — por justiça — o necessário ao pão de cada dia e, também, para o leite dos miúdos.

Foi uma hora de Deus! A mulher suspirou d'alívio. Tem o mínimo necessário para os filhos. Aliás, o mais vulgar nestes casos de miséria é a preocupação com os filhos — o sentido da paternidade!

Muito raramente surgem problemas de completa marginalidade. Graças a Deus! E, quando se topa um ou outro caso, é mais por desequilíbrio de comportamento, por lassidão ou por doença. Então, procura-se a melhor solução. Ainda agora adoptámos outra maneira d'agir junto duma família, para se abrir os olhos aos pais; e, assim, possam tratar os filhos doutro modo. A caridade é inventiva!

PARTILHA — Ai temos «Avó de Sintra» com 3.000\$00 «para a Família do costume, a quem desejo que a vida lhe sorria mais com as bênçãos do Senhor. O meu coração tem muito para dizer — mas os meus olhos não deixam que eu escreva mais...»

A mensalidade habitual, do Fundão, «com o abraço amigo, de sempre». Retribuímos na mesma proporção.

Assinante 25881, de Setúbal, 1.000\$ com amigas saudações. A presença regular da assinante 19177, do Porto. Duas presenças da assinante 18880, de Lisboa. Um cheque da assinante 20856, de Espinho, com a importância referente ao segundo semestre de 1986 — minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Um vale de correio, de 1.000\$00, da Avenida de Roma, Lisboa, por «graças recebidas». Assinante 13109, de Fafe, lembra os Pobres e diz que não vale a pena acusar recepção via postal.

O costume de Vilares, Vila Franca das Neves. Vale de correio da assinante 32436, de Venda Nova, por intenções de familiares. Outro, da assinante 13329, que aparece muitas vezes; e, quando se esquece, aumenta a mesada. M. Pereira e Amigos deixam 7.500\$00 no Montepio Geral, em Lisboa, recambiados pelo nosso Padre Luiz. Outros 1.000\$00, idem, idem. Mais um vale de correio, duma lisboeta, que mora na Rua da Saudade e jamais dispensa dar a mão aos

nossos Pobres. «Maria de Portugal» com a «habitual oferta». Não falha!

Mais 5.000\$00 do assinante 12088, do Porto, que escutou o nosso recado sobre a cadeirinha necessária a um inválido. Logo que for possível, se não aparecer uma de qualquer Leitor, vamos em procura doutra numa casa de ferro velho — para se ajeitar.

Por fim, mais uma ressonância do casal-assinante 26271, do Porto, a outro caso apontado: «É que eu e meu marido também estamos a construir uma casinha que será para a nossa velhice, que se aproxima, para o tempo que Deus nos der e eu gostaria de partilhar um pouquinho desse sonho com alguém». Eis o Mandamento Novo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

16 DE JULHO — É o dia de Pai Américo.

Este ano houve uma preparação no dia anterior, em que vimos um filme já com mais de trinta anos sobre a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, ali comentado pelo Padre Manuel António, motivando a consciência de cada um sobre a Obra da Rua e o Pai Américo.

O dia 16, como sempre, foi celebrado com um passeio, desta vez para os lados de Aveiro, com a primeira paragem na Torreira. A Santa Missa foi celebrada numa igreja muito bonita e moderna; e, à homília, o Padre Telmo referiu como o espírito do Pai Américo está ligado à Obra que construiu e a necessidade de termos cada vez mais amor à Obra e ao seu Fundador.

Depois da Eucaristia fomos até à praia e tomámos banho para nos refrescarmos.

No local do almoço havia mesas e muita sombra. Fomos ainda à Base

Aérea de S. Jacinto e assistimos a uma demonstração de paraquedismo.

Visitámos os hangars e as restantes instalações da base aérea.

Depois, seguimos para uma praia da Ria de Aveiro onde nos deliciámos com uns mergulhos e aí merendámo-nos.

No regresso, parámos no Monte da Vingem, em V. N. de Gaia, local onde rezámos o Terço e jantámos.

Chegámos a Paço de Sousa por volta das 23 horas.

Durante o passeio, nas camionetas, a nota mais saliente foi a alegria; e com alegria terminámos o nosso passeio, que correu bem.

ANTIGOS GAIATOS — No dia 20 de Julho reuniram-se, na nossa Aldeia, os antigos gaiatos da zona Norte. Fizeram um convívio em que todos participámos.

A festa começou logo de manhã com a celebração da Santa Missa. Depois do almoço aproveitaram para recordar os cantinhos da Casa.

Por volta das 17h houve um encontro de futebol entre novos e antigos gaiatos. O jogo ficou em 2-2.

... Foi um domingo diferente!

CASAMENTO — O David e a Fernanda casaram no dia 20, em Lousada. Alguns dos nossos foram convidados e o Padre Manuel António presidiu à cerimónia, no Altar.

Desejo, em nome de todos os gaiatos, as maiores felicidades para esta nova família cristã e que a sua união perdure até à Vida Eterna.

Ludgero Paulo

Miranda do Corvo

RALLY — As festas realizadas em Coimbra, em honra da sua padroeira a Rainha Santa Isabel, são acontecimentos que de um ou outro modo nos tocam. Este ano, por uma parte diferente da festa: Os concorrentes do Rally de Santa Clara resolveram, através do

seu organizador, terminar a prova em nossa Casa, no campo de futebol.

Foi no sábado. Os trabalhos que estavam por acabar, foram feitos ainda na parte da manhã, assim como as obrigações, e, antes do almoço, tomámos banho e mais asseados esperámos os nossos amigos que começaram a chegar nos seus veículos. A nossa Casa parecia um autêntico parque de estacionamento!

Depois das primeiras formalidades, ficou tudo a postos para o início da prova. Regou-se o campo, devido à poeira, e foram colocados sinais na forma de bandeirolas para serem contornados pelos concorrentes nesta última fase da qualificação. Um por um lá foram dando o seu melhor, não faltando os carros mais caricatos para este tipo de provas.

Foi um espectáculo bonito, que todos seguimos com grande atenção devido à raridade deste tipo de actividades em nossa Casa.

Seguidamente, os concorrentes e seus companheiros jantaram em nossa Casa; um jantar à laia de merenda que eles próprios improvisaram.

Foi a despedida. Cada um saía com um sorriso alegre, bem disposto.

Resta-nos agradecer o facto de não termos sido esquecidos na realização desta prova, e desejar boa sorte a todos.

AGRICULTURA — É uma actividade que não pode parar! As sementeiras ainda estão numa fase de desenvolvimento e é preciso ter muito cuidado no seu tratamento.

O resto das batatas está pronto para arrancar. A fatura é menor; aliás, parece ser assim em todo o lado. Mas foram semeadas em grande quantidade e esperamos que compensem. Brevemente começaremos a saborear o feijão verde, as abóboras que já têm flor e estão lindas.

O milho, depois de adubado e regado, deu um grande salto e começa a despontar.

CARAS NOVAS — Últimamente, somos muito mais solicitados para

receber rapazes que ainda são «Lixo da rua» — como diria Pai Américo.

Recebemos mais alguns, muito carecidos. É evidente, as nossas Casas não vão resolver todos os problemas de miséria que se estendem por esse País fora, mas atenuam.

Esperamos que estes novos amigos se sintam felizes entre os seus novos irmãos.

João Paulo

Praia de Mira

A nossa época balnear abriu, ainda em Junho, na Praia de Mira, com a limpeza da casa. Limpámos todos os pormenores, todos os cantos, como é óbvio, para melhor aproveitarmos o sol, a areia e o mar.

Por todo o País, também, muita gente se desloca, como pode e quem pode, para as diversas praias que o Atlântico nos proporciona. Outros vão para a montanha, para as casas de familiares, amigos ou mesmo suas; outros ainda, porque podem economicamente, seguem até ao estrangeiro. Por razões conhecidas e desconhecidas, há aqueles que não podem ir a parte nenhuma...!

Nós temos a casa no bairro norte da Praia; antes, era em acampamento, ao sul, junto à Casa da Sagrada Família.

O mar e o doirado sol têm fomecido boa estadia; os pescadores, como sempre com boa vontade, ainda não nos puderam oferecer muito peixe. As redes têm sido puxadas com pouco.

Os nossos primeiros a ir para a praia foram os mais pequeninos, como não podia deixar de ser. Nos últimos dias, em Casa, andavam sempre à roda do senhor padre. Estão todos muito contentes.

Em *telex*: Todos os que já gozaram o mar, estão tão bronzeados!

Vivam as férias!

Guido



Paço de Sousa. Festa da primeira Comunhão. Todos eles componetados da Beleza e Largueza do Reino de Deus!

Aqui, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

do em turnos ao longo do Verão para os nossos Rapazes, quando não emprestadas a paróquias ou movimentos para outros jovens ou pessoas, doentes ou idosas.

Para sermos francos faltamos gente, senhoras e seminaristas ou universitários com garra, para melhores frutos serem colhidos, num trabalho de mútuo interesse e certos de que é dando que se recebe. Infelizmente as solicitações, hoje, são muitas e, para lá das frivolidades da época, o mais fácil é que atrai, enquanto o sentido dos Outros se vai desvanecendo, porque, em regra,





Facetas duma vida

• O meu último encontro com o Padre Américo

Nota da Redacção — É o testemunho dum contemporâneo de Pai Américo, Juiz Desembargador jubinado, que afirma, à laia de introito: «Pai Américo me perdoará a frouxidão do depoimento. Mas nem ele me permite melhor, nem eu, agora no fim da vida já longa de 75 anos, sou capaz de melhor». Mais ainda: «Quantas vezes, durante o exercício da minha profissão de julgar, eu pensei: — Ah!, quanto o País teria a lucrar se em cada distrito houvesse uma Casa do Gaiato! Quantas cadeias se fechavam e quantas Igrejas se abriam!»

1 — Conheci Américo Monteiro de Aguiar em Coimbra, no Seminário, desde os meus catorze anos, teria ele então trinta e oito. Era eu, portanto, um adolescente e ele um homem em plena maturidade.

Foi em princípios de Outubro de 1925, logo no início do ano lectivo. O «Senhor Américo», como nós os miúdos o tratávamos, chamou logo a atenção de todos — não porque fizesse por dar nas vistas, mas pelo facto de todos nós entrarmos no Seminário ainda crianças e ele ser um homem feito, já a ultrapassar, no dizer de Dante, «o meio do caminho da vida», e, além disso, porque o seu comportamento e mentalidade saíam dos moldes habituais do comportamento e mentalidade dos seminaristas e dos próprios padres dessa época: Assim, ao

além dos sacrificios pedidos importa ter um sentido profundo de despojamento, concretizado em gestos apagados e humildes.

Ao findarmos estas linhas, não podemos deixar de chamar a atenção dos nossos Rapazes para o bem de que dispõem, enquanto outros, jovens e não só, de carne e osso como eles, por esse País fora, não dispõem das mesmas oportunidades. Que saibam ao menos aproveitar os dias que lhes são oferecidos, em relaxamento e repouso para seu benefício e fortalecimento físico e anímico.

CAPELA — Chegou a altura de dizermos que temos Empreiteiro, pessoa idónea que nos foi indicada por um grande Amigo, de Loures, a quem esta Casa muito deve. Passada a época calmosa esperamos dar início às obras. Estamos habituados às dificuldades e não esmorecemos. A perseverança na acção é indispensável e para tornar realidade aquilo com que sonhamos e vemos já realizado na mente é preciso dar tempo ao tempo, sem desânimos de qualquer espécie,

Padre Luiz

passo que, nas horas de estudo, cada um tinha a estrita obrigação (que cumpria rigorosamente) de se manter no seu quarto, ele, com uma liberdade de movimentos muito sua, passava largas horas, só, silencioso, recolhido, no recreio da «segunda prefeitura». Além deste comportamento, que me levava, ao avistá-lo do meu quarto, a dizer com os meus botões: — «Mas este homem não estuda?» — havia pequenas circunstâncias em que revelava uma mentalidade própria. Por exemplo, quando havia uma festa, depois das canções e dos «discursos» habituais, sempre em tom de «edificação», solenes, quase litúrgicos, acontecia pedirem ao «Senhor Américo», como também lhe chamavam os próprios padres, umas palavras ditadas pela sua experiência de quem palmilhara as Sete Partidas do Mundo. Sem procurar fazer estilo, a palavra saía-lhe fluente (embora emperasse um tudo-nada em certas

slabas, sem chegar a ser gago — o que emprestava à sua fala uma certa graça), sem procurar fazer estilo, repito, a palavra espontânea e num tom de singela sinceridade que logo cativava todo o auditório, nomeadamente o dos mais novos porque, na idade em que tanto se apreciam as «histórias», sabíamos que famos ouvir mais uma e, além disso, com o encanto do exotismo de terras distantes: Contava que, ao encerrar-se certa festa de estudantes ingleses ou de língua inglesa, depois de cada um proferir algumas palavras, poucas, de louvor à Mãe do Senhor diante da sua imagem anichada numa gruta a imitar a de Lourdes, todos em uníssono, com o entusiasmo e a frescura da juventude, gritavam um sonoríssimo «hurra!» em honra da Senhora. Tínhamos a sensação, depois da regularidade disciplinada, marcada a compasso, de todo o ritual da nossa «sessão solene», de que no Salão de São Tomás de Aquino entrava

o «povorello» de Assis com toda a sem-cerimónia, respeitosa mas descontraidamente, e com ele uma lufada de frescura matinal, que nos acariciava a alma. Notei, desde a primeira hora, no «Senhor Américo», um franciscanismo de encanto, simplicidade e ternura que tudo transformava, muito naturalmente, em flores e a vida num jardim em que apetecia viver.

2 — Pouco mais de três anos depois (em fins de Julho de 1929), o rev. Américo recebia do Bispo-Conde de Coimbra, D. Manuel Luiz Coelho da Silva, a ordenação sacerdotal; todavia o novo presbítero não foi paroiar nem ficou no Seminário como prefeito ou professor, segundo os usos então vigentes. Não sabíamos bem, nós os mais novos, o que fazia ele pela cidade, ao que parece pelas cadeias e pelos bairros de miséria, com a complacência de D. Manuel Luiz que tinha fama de muito austero, muito exigente, muito disciplinado e muito disciplinador. Mas contemplado, embora de longe, não deixava de incutir em todos nós um respeitoso sentimento de carinho e veneração, tanto mais que, segundo constava, sofria então de atrozes e permanentes dores de cabeça.

J. D. P.

(CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO)

TRIBUNA DE COIMBRA

Foi a manhã daquele domingo. Após celebrarmos a Eucaristia na nossa Capela, Eucaristia que é centro e força da nossa vida, partimos em grupo para a cidade. Os rapazes espalharam-se pelas ruas e igrejas a distribuir O GAIATO e eu dirigi-me para o bairro, onde já há meses não ia.

A primeira paragem foi junto a uma barraca assente na encosta. Estava a dona e um filhinho. Estão desempregados. Pessoas amigas dão-lhes ajudas. Acomodaram-se e estão no seu cómodo.

A seguir, o António veio ao meu encontro. Quis que fosse ver a sua casinha que é um amor. Muito limpa e arrumada. Flores e videiras à volta. O cão e dois gatos. Galinhas e pintos no quintal. A mulher estava a preparar o almoço. Teimaram para que comesse com eles. Ele está desempregado e tem-se dedicado mais ao arranjo da casa. Ervas cortadas, não vá alguma ponta de cigarro atear-lhes o fogo. A madeira de construção da casa está toda pintada de novo. Recordámos as nossas Colónias de Férias que o António e os irmãos frequentaram, há 30 anos, e que deixaram tão boas recordações.

Logo depois foi o encontro mais triste da manhã: Sete famílias em pequeninas casas

que já foram de latas. Mudou só o aspecto exterior, pois o interior é o mesmo. Disseram-me que vivem, ali, vinte e uma crianças. Os esgotos canalizados todos para a vinha estão agora a correr por um reguito ao cimo da terra, pois os canos estão entupidos. Um cheiro repelente e melgas e mosquitos a atacar-nos. Os habitantes confiaram nos Engenheiros e no Presidente da Junta que lá foram e prometeram o arranjo; mas, até agora, está tudo na mesma — estão a perder a confiança.

Subi a longa e estreita escada, já muito gasta e difícil de subir. Visitei um casal doente e continuei rua abaixo. Há uma ou outra casa em construção. Pessoas conhecidas de há muito saúdam-me com palavras de saudade. Ao fundo há mais barracas e pobres casas que se vão construindo.

Segui o longo corredor entre o muro de suporte à barreira e a fila de casas todas ligadas. Na última vive uma família onde há um doente acamado. Uma trombose tirou-lhe parte dos movimentos e facultades. A sonda não estava a funcionar bem e o doente estava aflito. A casa que tem sido fruto de muito esforço daquela família e muitas ajudas de amigos está por acabar. As paredes estão ainda em tijolo e as baixadas

da água e da luz estão demoradas e vão ficar muito caras. O filho que trabalhava está desempregado e são oito pessoas naquela casa e o avô naquele estado de doença. Despedi-me sem nada prometer, sem saber qual a necessidade com mais urgência.

Ao cimo da rua encontrei mulheres-mães e recordámos seus familiares e os bons tempos que passaram nas Colónias de Férias da Senhora da Piedade. E recordámos muitas coisas boas que aprenderam e que os têm ajudado na vida.

Quando fiquei só, parei a olhar toda aquela encosta que já foi mais de latas que agora. Mas ainda há tanto que mudar! Foi também por ali que Pai Américo, no princípio, sentiu a sua missão de recoveiro. Sonhei ir bater com força às portas da Câmara, da Misericórdia e da Junta e dos corações mais generosos e pedir-lhes para ajudarmos aquelas famílias mais aflitas que encontrei na manhã deste domingo; ajudá-los a terem casas decentes, com esgotos, onde possam criar os filhos e cuidar os seus doentes. Seria um padrão de amor levantado no centenário de Pai Américo, padrão levantado no «lugar de Mártires, de Heróis, de Santos» — que ele muito amou.

Padre Horácio

ASSOCIAÇÕES DOS ANTIGOS GAIATOS

Cont. da 1.ª pág.

membros um espírito de Amizade e Fraternidade que leve à verdadeira solidariedade».

b) «Organizar um serviço de contacto, o mais actualizado e perfeito possível com ex-gaiatos afastados dos princípios em que foram educados prestando-lhes, assim, assistência moral amigável».

Tal como a vida da Obra da Rua: O amor a Deus e ao Próximo realizado e assente na vida de família. «A união num mesmo espírito e em uma família» foi, além da meta que Pai Américo se propôs, a sua própria vocação. Se a Família é o Padrão da Obra, deve sê-lo das Associações.

Urgente e necessário superar tudo o que possa constituir entrave. Cada Associação, uma Família; todas elas em união com a Obra da Rua, num só espírito, numa só Família. Constante e séria, a preocupação de atear e manter esta chama viva para que cada rapaz, já no seu lar, seja um testemunho vivo de amor.

Não poderão as Associações perder o sentido de Deus, pois, sendo contra os princípios de Pai Américo, seria o desmoronar do castelo.

Figura também nos estatutos a ideia de ajuda aos mais carenciados ou em dificuldades. Autenticamente na linha de Pai Américo! Necessário, porém, dar-lhe realização, pô-la na vida quotidiana. Que bom se todas as Associações tivessem a sua Conferência Vicentina!... O caminho dos Pobres! Deve ser sempre o nosso caminho.

Dentro desta linha muito me agrada realçar o dom do acolhimento. Acolhermos sempre o irmão com alegria.

Ficou-me tão gravado na alma a ternura com que um gaiato de 40 anos, do tempo de Pai Américo, nos acolheu a mim e a três gaiatinhos africanos! Nem sequer nos conhecia. Bastou-lhe saber que éramos da Obra da Rua: «O Senhor é pai e eles são meus irmãos, vêm mesmo comigo». E fomos! Apresentou-nos à esposa. Não mais poderei esquecer o carinho com que nos trataram... Senti toda a grandeza e profundidade do espírito da Obra da Rua.

Também, sejamos humildes, muitos a negam. Batamos no peito e peçamos perdão por todas as nossas faltas contra o acolhimento.

Rezemos ao Senhor para que, salvaguardadas as características próprias de cada Associação e o seu espaço, sejamos uma só Família. Todos somos — Obra da Rua.

Padre Telmo

O livro CANTINHO DOS RAPAZES

O CANTINHO DOS RAPAZES permanece na mó de cima! Terminou outra fornada em stock e amigo «Piasquinha», de camisa desapertada, apara e mete em capa mais 500 exemplares!

Em face dos nossos condicionamentos, d'ordem humana ou oficinal, não sabemos como é possível suplantar problemas no meio da montanha de trabalho que se sobrepõe! A nossa colecção tem já 18 volumes e ultimam-se os preparativos do NOTAS DA QUINZENA — mais um riquíssimo espólio que Pai Américo deixou n'O GALATO, cheio de actualidade.

Quando redigimos estas breves notas, o «Piasquinha» testemunha, pelo seu trabalho, o fundamento da nossa Obra: «De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». No sector da expedição, ora de cortinas semi-fechadas por causa da torreia do sol, o mesmo panorama: Num lado da mesa, o Matos procede à embalagem duma série de obras para os nossos leitores, que, depois, seguirão pela mão do «Conchinha». Perto dele, noutra mesa, o Sonnemberg — feito homenzinho — ocupado nas cintas para jornais de leitores residentes no estrangeiro. E não são poucas! Um mundo de vida, de juventude que não dispensa a música furiosa, transmitida pela rádio, que nos impede, às vezes, de coordenar ideias com serenidade!

O correio dos leitores é de tal ordem que dificilmente conseguimos fazer uma pequena recolha, pois trazem todos

mensagem oportuna — que não podemos pôr debaixo do alqueire.

Cortegaça:

«Muito reconhecida, venho acusar recepção do CANTINHO DOS RAPAZES que já li com a mesma devoção das anteriores edições.

Durante a leitura não me cansei de agradecer a Deus o grande dom que deu à Humanidade: Pai Américo.

Peço o favor de me enviarem mais dois exemplares para oferecer a dois jovens que tanto precisam de mestres como Pai Américo!»

Assinante 27527, de Viseu:

«A leitura do CANTINHO DOS RAPAZES proporcionou-me um grande prazer espiritual. Constitui um guia benéfico para todos os jovens. Livro admirável onde Pai Américo patenteia, mais uma vez, as suas extraordinárias quali-

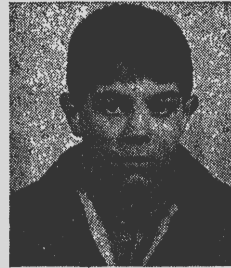
dades de pedagogo. Direi mesmo: Este livro deveria figurar em todas as Escolas do Ensino Básico e Secundário, para ser lido e meditado por jovens que seguem por caminhos invios. É de livros como o CANTINHO DOS RAPAZES que a nossa juventude necessita para trilhar o caminho certo, não confundindo liberdade com libertinagem...»

Assinante 9097, da Senhora da Hora:

«Recebi o CANTINHO DOS RAPAZES. Embora ainda não o tenha lido, por razões de ordem escolar (a ocasião é de bastante apertado) o seu autor é um puro pedagogo baseado no Evangelho, transmitindo em cada linha a inquietação, a mensagem de paz e de amor.»

E o mais que fica por citar!?

Júlio Mendes



Retalhos de vida

«PICASSO»

Sou o Nelson Tavares de Oliveira Bento. Nasci em Faro, a 11 de Junho de 1973 e sou mais conhecido por «Picasso».

O meu pai. (que faleceu recentemente) e a minha mãe estavam separados porque o meu pai bebia muito.

Eu andava pelas ruas de Faro a roubar.

Quando o meu pai teve um desastre, eu e o meu irmão ficámos sozinhos. Fomos apanhados pela polícia que nos trouxe para a Casa do Gaiato.

Agora estou muito bem na nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

Quando for grande, quero ser piloto de aviação. Mas, para isso, tenho que estudar muito!

Um grande abraço para os leitores d'O GALATO.

Nelson Bento («Picasso»)

BARREDO

Cont. da 1.ª pág.

ora é — e a ânsia e a afluência serão também para ali.

Antes, o Barredo era um ghetto. Tinha-se medo de lá entrar; e os moradores também não eram abertos à penetração de estranhos. A Ribeira e o resto da cidade eram compartimentos estanques. A recupe-

ração física do meio deu lugar a uma recuperação social — e esta é que é a verdadeira, a importante meta, em parte, já atingida e ainda muito por atingir. Perderam o medo uns dos outros, tanto os de fora como os de dentro — e isso é belo!, e isso é bom! Mas é evidente que há uma fronteira de equilíbrio: nunca a penetra-

ção dos estranhos deve ser devassa nem pôr em risco a fisionomia própria das gentes ribeirinhas. Ir lá, sim, mas com respeito, com um desejo de salvaguarda de um modo de ser que é património cultural de todos nós. A busca frívola, egoísta, do prazer, campo aberto a novas formas de degradação — isso não. O Barredo é, primariamente, do seu povo natural, com os seus defeitos, certamente, e com as suas virtudes próprias. Por exemplo, quem reparará na profunda solidariedade que une a gente ribeirinha? Hoje, graças a Deus, a miséria já ali não campeia. Mas um caso de necessidade maior também não precisa de procurar fora o seu remédio. Acode-se, reparte-se — a zona cuida dos seus. Aquele belíssimo Lar de Terceira Idade e Centro de Dia que já referimos nestas colunas é obra da população. As diversas Associações locais são fonte de valorização humana que importa levar mais longe, mas já valores com que se deve contar. O muito que falta fazer, sobretudo nos aspectos humanos, não é necessário que de fora se debrucem em iniciativas. Há forças capazes na população nativa.

parar-se. Ela contou tudo na sala dos cicerones, sentados os três. Claro, eu era o aluno que ouvia os mestres. Foi a lição sobre uma toalha de 7 metros de comprimento por não sei quantos de largura. Toalha que foi bordada e tratada como coisa de alto valor. O resultado da venda... seria dividido pela Casa do Gaiato e outra Casa. E veio cumprir. Foram meses de preparação.

Como se fosse pouco e ao jeito de quem pede desculpa, diz que vai continuar. Foram trinta e seis mil e cem escudos. Mais os pormenores interessantes que valem muito mais do que todas aquelas notas. Mais o gosto com que falava das passadas que teve que dar... Mais a tristeza por ser tão pouco. Mais a alegria por ter chegado cá.

O casal esqueceu-se de que a sua reforma era pequena. Sim, chega para o presente; que o futuro vai-se fazendo com os juro da Justiça e da verdadeira Caridade!

«Abundância e riqueza haverá na sua casa e a sua prosperidade há-de subsistir para sempre.

Distribui do que é seu, dá aos Pobres; a sua prosperidade subsiste para sempre.»

São palavras do salmista.

Padre Manuel António

Uma lição de dois Reformados

Estava muito calor naquele dia. Agarrados um ao outro, iam subindo a avenida da nossa Aldeia. Eram dois reformados. Ele e ela a viver exclusivamente da sua pensão.

Saíram, manhã cedo, da sua terra: Madalena, de Villa Nova de Gaia. Tomaram a camioneta e vieram por aí fora.

Passando em frente da casa-mãe entraram na Capela. Verdadeiramente peregrinos. Foi motivo de piedade o que os trouxe cá. «Santuário de almas» — chamou Pai Américo às Casas do Gaiato. Pela Fé, chegou às alturas donde viu a dignidade de cada rapaz, de cada doente, de cada pessoa. Pela Fé, não mais tirou seu pensamento de ricos e pobres a quem era preciso salvar. Por isso, sua presença e palavra inquietavam uns e outros. Os que possuíam bens, muitos deles entravam pelos caminhos da conversão e repartiam. Davam conta de que não eram os senhores absolutos do que possuíam. Repartiam. E, depois, voltavam a re-

partir. Quem faz a experiência de dar com alegria não perde mais o gosto de voltar a dar. Perde-se o medo. Quando se dá, assim, não se perde — ganha-se.

A desgraça está em pensar que amando se perde. A desgraça está em pensar que praticando a justiça se empobrece. Que calamidades, meu Deus, caíram em tantas famílias! Os que têm bens a mais não vivem felizes. Não podem viver felizes! O «pôr e sobrepor» — que é norma dos que passam ao lado ou fazem a miséria de muitos — deve ser substituído pelo «pôr e tirar» para que todos tenham e possam viver.

Isto não é impossível. Isto não é utopia. É caminho e caminho duro. É verdade que custa. Mas vale a pena fazer alguma coisa que é sempre importante. Senão vedel!

Aquele casal de reformados que subia, de mãos dadas, a avenida da nossa Aldeia, logo a seguir ao meio-dia, com o sol a pino, passou meses a pre-

Ora quem vai, que se não fique na epiderme da zona, nos encantos dos Arcos da Ribeira, gozando a brisa do rio, ou gastando horas de lazer no ambiente menos são de bares e de pubs. Se perdeu o medo àquele povo e por isso vai junto dele — que faça por conhecê-lo, por melhorá-lo, por defendê-lo dos perigos das misturas sem lei, antes transfundindo com humildade valores culturais, cientistas de que sempre que se dá, há algo também a receber.

Pai Américo fez essa experiência no velho Barredo da miséria que conheceu e frequentou. Quantas páginas de Teologia ele estampou nestas colunas, aprendidas — assim o confessava — à beira de um doente ou de uma mãe despedaçada por não ter pão para os filhos — quantas...! Por isso lhe chamou «Lugar de Mártires, de Heróis, de Santos».

Deus ajude o nosso jovem psicólogo, ansioso e convicto do seu dever de intervenção no meio para o ajudar a evoluir em fidelidade ao seu carácter próprio — Deus o ajude a contagiar outros da sua inquietação, de modo que a afluência da juventude que ora se regista, não seja um fenómeno sem sentido, ou de sentido meramente hedonista; mas seja uma força convergente da restituição do Barredo (e de outros barredos) à dignidade a que a sua nobreza antiga o obriga.

Padre Carlos

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Junho: 64.175 exemplares.